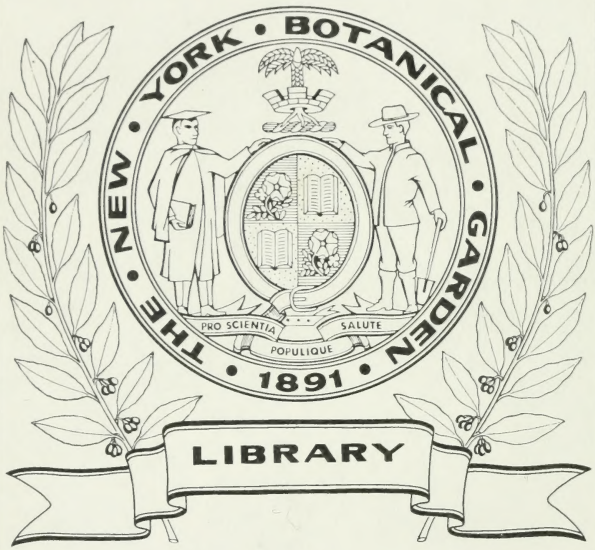
F2515
.F3

Faria, João Florentino Meira de

Relatorio

F2515
.F3



LIBRARY

Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas

(Publicação Nº 32)

Annexo Nº 6

(SERVIÇO SANITARIO)

RELATORIO

APRESENTADO AO

Sr. Coronel de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon

CHEFE DA COMMISSÃO

Pelo

Capitão-medico graduado

João Florentino Meira de Faria

1916

Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas

(Publicação Nº 32)

Annexo Nº 6

(SERVIÇO SANITARIO)

RELATORIO

APRESENTADO AO

Sr. Coronel de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon

CHEFE DA COMMISSÃO

Pelo

Capitão-medico graduado

João Florentino Meira de Faria

1916

Relatorio medico da viagem de expedição dos rios Arinos e Tapajoz, apresentado ao Sr. Coronel Commandante do 5º Batalhão de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, Chefe da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas.

As bellas energias das raças parecem mortas ou adormecidas. Passada a phase heroica da penetração pelos portuguezes e pelos mestiços que áquelles se seguiram nas sangrentas *batidas* das bandeiras e moções, voltámos a viver e a mourejar no litoral.

A exploração da Amazonia pelo *cearense* é uma excepção que creou-se pela necessidade não como expressão expontanea e simples das energias das gentes do nórdeste do Brazil. A fome levou-os aos seringaes: A natureza da empreitada offereceu opportunidade a que elles dessem mostras de suas bellas virtudes de sobriedade e de firmeza.

No mais, o que se vê é o habitante do litoral olhar com repugnancia para o *hinterland* mesmo quando o caminho de ferro já o corta, é o morador

do villarejo o mais distante e miseravel de Matto Grosso olhar com medo para o lado das mattas onde se vão, na estação secca, os incapazes para o trabalho regular, os que se sentem peados, mesmo nos nucleos de policiamento o mais frouxo.

E' neste medo em face do vasto mundo abandonado pela actividade dum povo, é neste desamor das classes dirigentes pela terra, desamor que não justifica nem explica o nosso estado de penuria economica e social, que devemos procurar explicação para as difficuldades, mesmo as moraes, em que nos debatemos.

Emquanto nos acotovellamos pobres, sem educação nem artistica nem social, nem *fac-simile* ridiculo de cultura viciosa, a vasta e bôa terra se offerece atraz de nós — campo e escola de força, de saude e de belleza!

E é esta anomalia do nosso estado de espirito que talvez mais influa na feição nozographica das bacias dos nossos grandes rios.

Os negros que de Zanzibar, acompanhavam Livingston e Stanley em suas viagens do oriente para o occidente do continente africano, tremiam á perspectiva de encontrarem os duendes das florestas e as divindades — guardas do sombrio e mysterioso Congo.

Elles adoeciam e elles morriam de molestias outras que as febres e dysenterias: elles estiolavam-se, elles perdiam a confiança e a coragem...

Os filhos daqui não são assenhorados pelo mesmo medo. Mas quem entre nós, levado por um desejo de viver uma vida forte ao grande sol e ao grande verde de nossa terra, alista-se entre os auxiliares do Coronel Rondon, é alvo das expressões de sympathia, a mais triste.

Ninguem sabe, por desinteresse, das condições reaes de vida, de salubridade em que nos encontramos nos sertões de Matto Grosso e Amazonas, mas ninguem se furta a um largo gesto de pena ou de admiração!

Não se sabe ao certo que perigo concreto, real ameaça ao que parte: de insalubridade manifesta, a não serem algumas expedições militares organizadas da maneira a mais defeituosa como a propria administração veio a reconhecer, nenhum attestado franco se tem tido; de selvicola, como ameaça a quem viaja nos sertões do Brazil, não se pode seriamente falar.

O que resta como explicação é o medo vago, impreciso, que hoje se tem de abandonar a costa, a cidade, em busca do sertão.

E este medo tem sua repercussão sobre aquelle que parte: Nós não somos nascidos em uma escola de caracter, formadora de homens!

Vendo os demais temerem, o enthusiasmo do que vae se arrefece, elle começa a partilhar as prevenções e os receios do meio e, se um sentimento de pudor e amor proprio mantem-n'o decidido

a partir, elle parte abalado em seu optimismo, elle parte em condições que o predispõem ao maximo para adoecer.

Seria porem exagerar, seria cahir em um vicio opposto de julgamento o acreditar seja aquelle o factor exclusivo de molestias na bacia do Amazonas. E' preciso reconhecer: o valle do Amazonas não é uma região salubre...

Nem região alguma do mundo o foi antes que o esforço do homem domasse a natureza e normalizasse a vida: as provincias de França, hoje "o mais bello reino depois do do céo" não o eram ao tempo da conquista romana...

Nas sombrias florestas do Rheno as legiões tinham a luctar, ao mesmo tempo contra as estranhas hordas germanicas e contra a natureza daquella aggressiva e malsã região, hoje um vasto sanatorio, mas naquelle tempo, bem differente da do doce Latium...

E' preciso ter paciencia e esperar a accommodação do homem ao seu novo *habitad*; mas é preciso ainda mais reagir e protestar contra a campanha de prevenção ao clima e á vida na Amazonia, campanha que paralyza toda iniciativa, que afasta daquelle scenario magestoso de vida e de trabalho todos aquelles que não ardem em uma febre de ganho immediato ou não procuram um campo para expansão desregrada e quiçá criminosa.

A natureza se offerece intacta e pouco hospitaleira. O homem a enfrenta sem a assistencia de nenhum recurso. Elle ainda tem a coragem de se deixar tragar, sem um protesto sem uma hesitação.

Esta é a historia do homem no Amazonas.

Ella tem sido contada muitas vezes.

Se o seringueiro soffre fome, se elle é obrigado a rivalizar com os selvagens em manhas nas caçadas porque a munição para a *rifle* não chega até ás barracas do alto Amazonas, se elle se encontra no maior abandono, se elle reconhece a inanidade de todos os esforços para libertar-se da immensa prisão verde dos *igarapés*, ninguem o sabe. O que se sabe é que muitos deixam os seus sertões do norte e que poucos voltam a elles...!

Foram as febres, foi o beriberi...!

Não...!

Culpe-se antes a mais monstruosa e absurda organização do trabalho que se possa imaginar.

Os sertões de Matto Grosso e uma parte do sul da bacia do Amazonas, nós atravessamos.

A mim era atribuida a assistencia medica ás 13 pessoas que formavam a turma de expedição para o levantamento do Arinos e exploração de alguns dos seus tributarios.

Pela sua propria organização e pelos recursos que me eram offerecidos, outra cousa não cabia-me fazer que prestar soccorros medicos, se necessarios, e olhar por uns tantos cuidados que nos puzessem a coberto das molestias reinantes na zona a atravessar. A primeira parte do programma foi, felizmente sacrificada: não tivemos, propriamente, doenças a lamentar durante a viagem. E' da segunda parte que procuro, resumidamente, dar contas.

Em meiados de Outubro do anno findo, achava-me em Cuyabá incorporado á turma de expedição. O aliciamento do pessoal civil para a constituição da turma não poude ser feito, por motivos que independiam da bôa vontade do Chefe da expedição, com um certo rigor sob o ponto de vista medico.

Dos 11 trabalhadores que nos acompanharam dois sómente se diziam isentos dum passado paludico; tres accusavam ter soffrido de polynevrite; cinco eram reconhecidamente de habitos alcoolicos.

Do pessoal de categoria, o Tenente J. H. Barbosa era um paludado recente; o Snr. G. Kuhlmann era suspeito pelas suas longas permanencias na bacia do Amazonas e pelo historico de certa molestia que o accomettera ainda em Manáos, logo após sua vinda ha 2 annos do Rio Branco; e quem este escreve tinha a queixar-se de uma polynevrite beriberica contrahida em aguas do Ju-

ruena, ha quatro annos passados e de paludismo, contrahido á mesma época no alto Paraguay.

A viagem se inaugurava sob máos auspicios, em meiados de Outubro.

Todos nos punham de sobreaviso, os novos que tinham ido á descoberta dos seringaes e os velhos que tinham traficado com o Guaraná, contra os perigos e as inconveniencias das viagens feitas durante a estação das chuvas, com as aguas dos rios crescidas, as mattas innundadas e onde difficil era encontrar *pouso*.

Minhas observações de Aldeia Queimada ao Juruena, acompanhando a construcção da Linha, e as de um anno de permanencia nos Hospitaes de Corumbá onde era permittido a mim sujeital-as á verificação do microscopio, contradiziam taes receios pelo menos no que se referia as febres palustres e ao beriberi.

Muito ao contrario do que era de esperar na estação secca e fria é que se dava a ascendencia na curva representativa dos casos de paludismo e de beriberi.

A ambulancia que levamos teve que ser organizada com os recursos que encontramos em Cuyabá. Ella tinha que ser modesta. Destinando-se á uma viagem para a qual era exigencia a reducção do peso e volume e feita para o consumo de 14 pessoas, ella não necessitava ser outra cousa do que era: algumas duzias de ampoulas de saes de

quinino, de arsenico e de strychinina e outras; alguns meios medicos contra as dysenterias provaveis e uma certa profusão de reconstituintes e de aguardente quino-arsenicada.

A isto se juntavam os saes de quinino em comprimidos e em pó (um kilo e duzentas grammas) graças aos quaes tinhamos esperança de evitarmos as febres paludicas durante a travessia.

Eu sabia todas as difficuldades que se tem a vencer entre nós para manter sem desfallencias um serviço de tratamento prophylatico collectivo. Mas eu confiava na forma toleravel (comprimidos) sob a qual era administrado o quinino e por ultimo na minha paciencia e no premio reservado aos que dessem mostra de bôa vontade — a aguardente quinada e arsenicada.

E minhas esperanças não foram desmentidas.

Posta como condicional para acceitação no momento do engajamento pelo Tenente J. H. Barbosa e reconhecida durante a viagem como uma medida simples e do interesse de todos, a ração prophylatica de quinino não encontrou refractarios.

Logo nos primeiros dias de marcha, de 17 a 30 de Outubro, esquivei-me de fazer distribuição do quinlno; os dias tinham sido contra toda expectativa seccos e bellos, as marchas, curtas, não fatigavam os homens que iam a pé, todos elles affeitos ás longas caminhadas.

Nenhuma perigo havia de irrupção do paludismo entre nós tanto mais quanto margeavamos o Cuyabá ácima, todo elle com relativamente densa e sadia população.

Entre os moradores nunca appareciam as febres.

A opilação ao que me foi dado vêr, é rarissima.

Os paludados que viamos diziam ter adoecido no trabalho da seringa.

E os que lá não tinham ido, nos contavam os horrores de doença nas mattas da outra vertente, nas *aguas do norte*.

Elles fallavam da *corrupção*, pezadello dos habitantes da zona e dos trabalhadores dos seringaes. Elles apresentavam a zona onde viajavamos como um contraste daquella que em breve iriamos visitar e percorrer, do outro lado da Serra do Tombador.

Foi levado por taes juizos que em vesperas de chegarmos em aguas do Amazonas (28 de Outubro de 914) iniciei a distribuição da ração diaria de quinino: 50 centigrammas de bichlorydrato de quinino, sob forma de pastilhas começaram a ser distribuidas a cada homem, pela manhã, após a primeira refeição.

A 31 de Outubro, vencendo doces oscillações do terreno, atravessamos o divisor de agua do Paraguay e do Amazonas.

A belleza dos campos, a doçura do ar, os ribeirões de aguas bem claras, os baixios bem seccos eram de bom prenuncio.

Os moradores, que já não são tão numerosos, foram um motivo de tranquillidade. Não nos foi dado ver doentes entre elles.

Quer no Laranjal, fazenda dos Orlando & Irmão, quer no Bananal, fazenda do Snr. João Soares, quer no povoado "Rio Novo", com uma população de cerca de 500 almas, por toda a parte, quem estava ou esteve doente, raras excepções á parte, adoeceu *das febres* na barraca, trabalhando na seringa...

Elles recuavam deante de nós o tragico viveiro, elles localizavam mais longe o humido Enferno onde se adoecia e onde se morria!

Vendo isto, minha vigilancia relaxou-se.

A administração do quinino foi feita irregularmente ou de todo suspensa sem que tivessemos a lamentar o apparecimento da malaria entre os da comitiva, tão sómente um tropeiro do qual foi exigido, em tempo invernoso, um grande esforço, é que apresentou-se com accessos febris dos quaes o quinino teve facilmente razão. De resto elle era um velho e habitual paludado.

Até então (14 de Novembro) a nossa derrota tinha sempre sido de léste a oéste, cortando os pequenos cursos de agua do Paranatinga e do Arinos, bem proximos da linha divisora de agua

do Paraguay da do Amazonas, por sobre o Chapadão da Serra do Tombador, prolongamento geographico do planalto dos Parecis, mas deste bem differente pela sua flora, pela sua fauna e pelas condições climatericas.

A 15 de Novembro é que, mudando de róta, nos inclinamos francamente para o norte, acompanhando um dos formadores do Arinos.

Passamos a ladear densas e sombrias mattas que enfaixavam rios de aguas barrentas.

O quinino passou então a ser distribuido diariamente, com mais regularidade e continuamos a nos alegrar com a ausencia de qualquer molestia.

Um accidente de viagem separou-me 7 dias (de 17 a 23 de Novembro de 914) do corpo da expedição. Durante estes, nos quaes não foi possivel a continuação dos cuidados até então tidos, quatro dos trabalhadores foram accomettidos de accessos de forma terçã, benigna, mas quotidianos, de facil tratamento pelo quinino.

Em um delles, após uma marcha a cavallo de 10 leguas para a cidade de Diamantino tive ensejo de observar um caso de *corrupção*: elevação da temperatura a 39º2, cephalalgia, entorpecimento dos sentidos e das funcções cerebraes, uma profunda asthenia da musculatura voluntaria, tal é o que me foi dado observar em este caso que os da terra chamavam *começo de corrupção.*

O paciente contou que, no decurso de muitos outros accessos anteriores e eguaes a este, que tivera quando em trabalho nos seringaes, lhe acontecia perder por completo os sentidos e soffrer de um prolapso do recto que se fazia preceder por evacuações dysenteriformes.

A lamina com o sangue que extrahi nesta occasião e aqui examinada, revelou a existencia de raros parasitas em *rosacea.*

Esta observação que se junta á duas outras que colhi, uma em Aldeia Queimada, sem o controle do labaratorio, e outra em Corumbá com o achado de parasitas em *crescente*, vem firmar em mim a crença de que a tão temida *corrupção* dos seringaes de Matto Grosso é uma forma clinica da malaria para a qual, ao que parece, não é exigida especificidade do parasita (em um dos casos era este o das terçãs benignas e no outro o das febres estivo-outommaes graves).

Os habitantes da região e os seringueiros, aos quaes sobretudo impressiona a quéda do recto, lançam mão dos recursos os mais desparates para o tratamento da *corrupção:* a pratica a mais acceita é a de clysteres com agua de sabão ou a applicação de supositorios ou antes pilulas nas quaes entram proporção variavel de pimenta e sabão.

Alguns como meio preventivo, quando se banham nos ribeiros, de tempos em tempos pro-

cedem á toilette do anus e do recto por manobras digitaes.

A 27 de Novembro de 914 começamos em Porto-Velho a nossa viagem em canôa, rio abaixo. A viagem nestas condições, sujeita a um horario fixo e mantendo-me mais em contacto com o pessoal, facilitava em muito a distribuição do quinino.

Isolados do mundo daquelle dia em deante, eu não me permtti descuidar de olhar pelos que seriam os companheiros e os auxiliares da viagem até o fim da jornada.

Os da comitiva foram para tal divididos em paludados e não paludados.

Aos primeiros fazia tomar 50 centigrammos de sal pela manhã e outros 50 centigrammos á noite, acompanhados de 50 c. c. de aguardente ou vinhos quinados nos dias de grandes fadigas ou chuvosos.

Aos segundos eu me contentava de administrar uma dose diaria de 50 centigrammos e uma cura com saes de arsenico ou de strychinina.

Assim fizemos, com a maior felicidade, a travessia do trecho não povoado do Arinos e do Tapajóz (29 de Novembro de 1914 a 8 de Janeiro de 1915).

Uma só vez, um dos homens que nos acompanharam, "Sumidouro" acima, após tres dias de insano trabalho á zinga e por terem se esgotado as rações de quinino que commigo trazia, foi victima de um accesso palustre.

Tão lisongeiros resultados, mesmo deixando margem ás causas que nos escapam, ao Destino, é de se agradecer, em parte, ao seguro criterio do Sr. Tenente J. H. Barbosa que sempre evitou exigir dos homens os grandes esforços que esgotam, preferindo aproveitar com methodo, a média razoavel de trabalho a obter de cada um, n'aquellas condições de vida e de meio.

Se tal politica não é a condicional unica de successo, o esquecel-a é factor frequente de desastres! Tal norma de conducta continuou, tanto quanto possivel, a ser observada durante a travessia do Tapajoz, o mais rico em cachoeiras e accidentes d'agua (de 8 a 21 de Janeiro de 1915).

E' preciso ter vivido as horas de sensações fortes, vencendo as cachoeiras e os rapidos, para avaliar o que nisto vae de dispendio de força e de coragem...! As longas marchas, os interminaveis transbordos da carga ás costas, o penoso arrastar das canôas serra abaixo e serra acima, a Morte avistada a cada momento no fundo dos sorvedouros immensos ou nos reboujos que *estouram*, tudo é o bastante para abater ainda os mais firmes...!

E é por isto que, aos olhos dos trabalhadores do Tapajoz e dos viajantes, a região das cachoeiras passa pela zona a mais insalubre do rio. Nem de outra fórma poderia ser; dias de trabalhos sobrehumanos, de sol a sol molhados, alimentando-se

com a *chibeca* e de raro em raro uma caça, enfrentando perigos que fazem mêdo mesmo ás coragens de élite, têm que ser seguidos, naquellas paragens, pela malaria.

Com a nossa chegada á Collectoria do Estado do Matto-Grosso na fóz do "S. Manoel", tinhamos vencido a primeira e a mais longa e perigosa etapa de nossa viagem (22 de Janeiro de 1915).

Da Collectoria a Santarém e desta cidade á de Manáos o nosso transporte foi feito com rapidez e um certo conforto. E no emtanto foi então que accessos febris affligiram por alguns dias a tres homens da comitiva aos quaes, pelas condições em que viajavamos, não poude obrigar á continuação do uzo dos meios preventivos e nem tão pouco á acceitação de um tratamento adequado e energico.

E' este um facto digno de nota e já observado em mais de um serviço de exploração da Commissão de Linhas Telegraphicas: o apparecimento das febres palustres depois que os individuos já se encontram longe do fóco e aliviados dos sobresaltos e das canseiras da viagem.

A questão da alimentação teve uma feliz solução graças á medida de acondicionamento de todos os generos alimenticios em latas bem fechadas. A caça, abundante em um longo decurso da

viagem e a pesca sempre farta deram-nos sempre recursos para uma alimentação relativamente bôa.

E' de lamentar, porém, que não se tenha attendido em fornecer ao pessoal abrigo contra a chuva. A viagem em canôa torna possivel aos homens continuarem em sua faina, embora envergando uma capa ou paletot e calça de lona. Durante a longa invernada que acompanhou quasi todo o tempo de nossa travessia, muito soffremos das chuvas; uns completos de encerado ou lona teriam diminuido as possibilidades de doença e permittido augmentar o coefficiente de trabalho de cada um.

Nada mais razoavel que a Commissão, em taes condições os fornecesse, fazendo-se indemnizar do seu custo que não ha de ser grande.

Chegado aqui, viajando na baixada do Estado do Rio, no valle do Parahyba, e lembrando-me do que vira no "Rio das Velhas" e no "S. Francisco", fiquei convencido que a imaginação é creadora da má fama que isola do mundo enormes porções da Amazonia.

Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1915.

João Florentino Meira de Faria.
Capitão-medico graduado

New York Botanical Garden Library
3 5185 00203 8915